

## A POÉTICA DE SOPHIA ANDRESEN OU O PROJECTO DA "TÚNICA SEM COSTURA"

ANA ALEXANDRA SEABRA DA SILVA \*

1. *'A beleza da ânfora de barro pá-lido é tão evidente, tão certa que não pode ser descrita'* <sup>(1)</sup>

Tornou-se já quase um 'lugar-comum iniciar qualquer texto crítico sobre a produção literária de Sophia de Mello Breyner Andresen salientando a "clareza" e "clareza" <sup>(2)</sup>, a "limpidez" <sup>(3)</sup> da sua linguagem. Se, num primeiro momento, tal transparência e justeza do dizer podem "emudecer" o crítico, bloqueá-lo perante uma beleza "tão evidente, tão certa que não pode ser descrita", ele tentará, por certo, desconstruí-la em seguida, de modo a descobrir a "verdade" da qual ela é "apenas o rosto", embarcando na aventura poética de Sophia, que é, no dizer de Eduardo Lourenço <sup>(4)</sup>, "mistério repassado de clareza".

2. *'La poétique est faite par des poètes, non par des 'poéticiens'.* <sup>(5)</sup>

A nossa proposta, para "desbloquear" o emudecimento provocado pela evidência encantatória da beleza poética, consiste em enveredar pela leitura da "Arte Poética" (I e II) incluída no volume de poesia intitulado *Geografia* e datado de 1967. esta escolha suscita, desde logo, algumas considerações. Em primeiro lugar, importa atentar no facto de os

dois textos se apresentarem explicitamente como "Arte Poética", cujo objectivo é uma reflexão sobre a essência da poesia aliada a um projecto poético, ou seja, trata-se de um discurso de uma prática, espelhando, conseqüentemente, o seu universo próprio.

Concebida desta forma, a "Arte Poética" de Sophia afasta-se, assim, quer de concepções dogmáticas e normativas - resultantes de uma "má leitura" dos Antigos (Aristóteles e, sobretudo, Horácio) <sup>(6)</sup> -, quer da proposta recente dos estudos literários, que identifica a Poética com a "Ciência da Literatura", tendo como objectivo a busca dos universais literários, do *modelo*. Pelo contrário, aproxima-se mais de uma reflexão sobre uma prática poética (a sua), posição que aparece defendida, por exemplo, por Henry Meschonnic:

[...] la poétique est l'étude (et l'étude des conditions de cette étude, indissociablement) d'une oeuvre objet et sujet, fermée comme système, ouverte à l'intérieur d'elle même comme créativité, et au-dehors comme lecture-l'étude d'une rhétorique visionnée, qui fait qu'une forme est unique." <sup>(7)</sup>

E mais tarde:

'Il n'y a pas de modèles pour l'écriture, ni pour sa connaissance, qui est celle d'un agir insaisissable à tout rêve

\* Docente da ESE de Beja

de science. La poétique est faite par des poètes, non par des "poéticiens". Les meilleurs penseurs de l'écriture ont été ceux qui l'ont faite pas les philosophes ou les spécialistes de la littérature."<sup>(8)</sup>

Esta última afirmação tenderá, talvez, a cair no extremo oposto do "cientismo" exacerbado e ingénuo, mas só tem a ganhar se o não fizer, uma vez que não podemos apagar ou sequer ignorar as produções teóricas dos estudiosos da literatura, tal como não o devemos fazer em relação às reflexões dos criadores. Qualquer texto literário é construção e, por conseguinte, comporta em si uma concepção de arte, um conhecimento do processo de composição, implícita ou explicitamente. É o caso de textos programáticos (literários ou não), que concorrem para um melhor entendimento do universo poético do autor, mas também para o estabelecimento de um horizonte de significação mais extensivo e abrangente (a Poética de uma época).

### 3. "No Poema

Transferir o quadro o muro a brisa  
A flor o copo o brilho da madeira  
E a fria e virgem limpidez da água  
Para o mundo do poema limpo e  
rigoroso

Preservar de decadência morte e  
ruína

O instante real de aparição e de  
surpresa

Guardar num mundo claro

O gesto claro da mão tocando a  
mesa."<sup>(9)</sup>

A "Arte Poética" de Sophia apresenta-se, já o dissemos, como uma reflexão sobre a essência da poesia e como programa, "projecto":

"Reencontrar o limpo  
Do dia primordial. Reencontrar a  
inteireza."<sup>(10)</sup>

Estas as questões enunciadas nos dois textos (I e II). O que se diz em relação a elas é forçosamente o mesmo, disso dependendo a unidade do projecto. No entanto, o modo como se diz é diferente. Em I a reflexão sobre a Poesia faz-se *pela poesia*, pela prática, enquanto em II estamos perante um enunciado mais explicitamente teórico. Apresentando os dois lado a lado, possibilita-se a leitura de um no outro, reciprocamente, como num jogo de espelhos. E importa não perder de vista que também real e poesia se reflectem, se implicam e se identificam. A poesia celebra a aliança do sujeito com o real, ela está nas coisas e o poeta apenas actualiza essa potência. O projecto poético coincide com o projecto de vida: ser/estar poeticamente no mundo, buscando a inteireza, a "túnica sem costura" arrancada à divisão. Constituindo duas concretizações diferentes do mesmo objecto ("Arte Poética"), a ligação que entretecem formando um todo pode ser interpretada como significativa do desejo de reunião dos fragmentos do "reino dividido", os elementos do real que são os "sinais" da aliança do humano com o divino ("Kosmos" ordenado e belo). Essa aliança é tecida pelo "fio de linho da palavra", inquebrável e incorruptível-sagrado. Nomeando, (re)cria-se o real, estabelece-se a aliança com o divino imanente às coisas:

Com fúria e raiva acuso o demagogo

E o seu capitalismo das palavras

Pois é preciso saber que a palavra é sagrada

[...]

De longe muito longe desde o início

O homem soube de si pela palavra

E nomeou a pedra a flor a água  
E tudo emergiu porque ele  
disse"<sup>(11)</sup>

Dar nome é (re)criar, captar a essência dos elementos do real; dizer é (re)orde-

nar, (re)unir os fragmentos; o poema é (re)construção da inteireza do reino (ser/estar) dividido - é a "túnica sem costura".

4. "A onipotência do sol rege a minha vida enquanto me reconheço em cada coisa. Por isso trouxe comigo o lírio da pequena praia. Ali se erguia intacta a coluna do primeiro dia - e vi o mar reflectido no seu primeiro espelho - Igrina."<sup>(12)</sup>

A primeira abordagem do texto "Arte Poética I" provoca um certo estranhamento ao parecer frustrar uma expectativa construída em relação àquilo que poderíamos pensar ser o enunciado de um programa poético, apresentando-se antes como poesia.<sup>(13)</sup> Aproximando a objectiva, porém, começamos por descortinar os elementos mais característicos do universo poético de Sophia: Lagos, o sol, o olhar, a ânfora, a aliança ameaçada. Se focalizarmos cada um destes elementos pormenorizadamente e, em seguida, observarmos de que modo se interligam constituindo um todo - o texto -, poderemos, então, concluir tratar-se, com efeito, do projecto poético de Sophia enunciado de uma forma poética. Tal facto poderá, em nossa opinião, significar, justamente, o desejo de tecer uma "túnica sem costura", fazendo coincidir o mais possível "Arte Poética" (projecto) e Poesia (realização).

O texto abre com uma situação espaço-temporal:

"Em Lagos em Agosto [...].

"Agosto" parece-nos funcionar como marca de tempo, sem dúvida, remetendo para o Verão, uma das etapas do ciclo das estações, mas, sobretudo, como tempo de eleição (fora do tempo da história), elevando ao grau máximo a "onipotência do sol", que "cai a direito", ou seja, é captado no instante de maior intensidade:

"luz de prumo e de projecto".<sup>(14)</sup>

Tempo de eleição funcionando num espaço de eleição: Lagos (como Brasília). Cidade-projecto, não sujeita à lei do tempo, Lagos identifica-se com o projecto poético, pois caracteriza-se pela nudez, limpeza, brancura, luminosidade, como espaço litoral, geométrico e conciso:

[...]

A precisa limpidez de Lagos onde a limpeza

É uma arte poética e uma forma de honestidade

Acorda em mim a nostalgia de um projecto

Racional limpo e poético

[...]

Na precisa claridade de Lagos é-me o mais difícil

Aceitar o confuso o disforme a ocultação

Na nitidez de Lagos onde o visível Tem o recorte simples e claro de um projecto

O meu amor da geometria e do concreto

Rejeita o balofo oco da degradação

Na luz de Lagos matinal e aberta Na praça quadrada tão concisa e grega

Na brancura da cal tão veemente e directa

O meu país se invoca e se projecta.<sup>(15)</sup>

Lagos é um espaço litoral, onde os elementos se fundem: terra, mar, vento e sol. A luminosidade intensa, apolínea e vertical ("O sol cai a direito"), reforçada pela brancura da cal ("e há sítios onde até o chão é caiado") evoca o projecto poético "claro e ordenado", que implica um percurso do sujeito, um dinamismo ("vamos de coisa em coisa"). Caminhar na claridade ("não caibo na sombra") e em frente ("A loja dos barros fica numa pequena rua do outro lado da praça [...]. Entro na loja dos barros" - sublinhados

nossos) corresponde a um desejo de emergir da divisão para reencontrar a ordem. É esse o simbolismo do "passo em frente", exacto, empreendido pelo Kouros - sair do "Kaos" para o "Kosmos", estabelecendo uma aliança do homem com o divino. "Aliança ameaçada", sempre, pela divisão e que Sophia procura preservar de "decadência morte e ruína", isto é, da incursão do caos na ordem - "caosmos" (Eduardo Prado Coelho).

A "luz leve" conjuga a claridade da atmosfera com a clareza do poema (diríamos, mesmo, a qualidade do elemento com a qualidade do poema). A "transferência" desse aspecto do real, captado pela experiência visual, para o "mundo do poema limpo e rigoroso", "claro" é concretizada através de uma adjectivação exacta - dizer a essência ("O sol é pesado e a luz leve"; "A sombra é uma fita estreita"; "pequena rua"; taberna fresca"; "oficina escura"; "mulher [...] pequena e velha, vestida de preto"; "praias de mar verde"; "pedra polida") e da nitidez com que os objectos se recortam no espaço e se relacionam ("em"; "do outro lado"; "depois de"; "em frente de"; "rodeada de"; "à direita e à esquerda"; "em minha frente"; "sobre o muro em frente do mar").

O percurso do sujeito tem um objectivo: a loja dos Barros ("Caminho no passeio" - "A loja dos Barros fica numa pequena rua do outro lado da praça".

- "Entro na loja dos Barros" - "olho as ânforas de barro pálido poisados em minha frente no chão"). Neste espaço encontra-se, no meio da diversidade, o elemento de "religação" - a ânfora:

"À direita e à esquerda o chão e as prateleiras estão cobertas de louças alinhadas, empilhadas e amontoadas: pratos, bilhas, tigelas, ânforas."

Em comum, têm a matéria, o barro ("cor-de-rosa pálido" ou "vermelho-escuro"), modelável em várias formas. Matéria e formas herdadas de "tempos imemoriais", conservadas "através dos séculos", tal como a poesia - cuja etimologia

grega (*poiein*) remete para a mesma área (fazer, criar, modelar):

"De longe muito longe desde o início  
O homem soube de si pela palavra".<sup>(16)</sup>

Lagos evoca o mundo grego (arcaico) pela "maravilhosa qualidade dos elementos",<sup>(17)</sup> pela luminosidade, limpeza e nudez, embora implicitamente. Porém, em relação à loja dos Barros essa identificação torna-se expressa ("A loja onde estou é como uma loja de Creta"<sup>(18)</sup>), permitindo olhar (base para a reflexão) as ânforas de outro modo, de acordo com o espírito grego do período arcaico. A beleza da ânfora é "evidente", "certa", indescritível porque não está separada da essência, ela é descobrimento, revelação do divino interior ao universo. No estabelecimento desta aliança institui-se a diferença entre "beleza poética" e "beleza estética", onde a relação é apenas com a matéria.

A construção anafórica salienta uma chamada de atenção insistente para o acto de percepção visual ("Olho para a ânfora"1; "Olho para a ânfora na pequena loja dos Barros"2; "Olho para a ânfora igual a todas as outras ânforas"3). "Olhar para a ânfora" é o meio pelo qual se estabelece a relação (imediate) do sujeito com o objecto (o real). Esta relação pode ser lida, nos três casos, a dois níveis. Em 1 o objecto mostra-se capaz de uma utilidade pragmática (conter água), mas, também, de uma utilidade poética (religação). No segundo caso, a ânfora permite uma localização espacial concreta, um "aqui" e um "lá fora" ("aqui para uma doce penumbra. Lá fora está o sol"), no entanto, a sua carga poética estabelece a "aliança" entre o sujeito e o sol, o divino. Finalmente, em 3 enquanto matéria, artesanato, a ânfora é infinitamente repetível, porém ela comporta "um princípio incorruptível" - a poesia que a torna única, exemplar.

Continuando a analogia barro/linguagem (matéria), a beleza poética da ânfora é aquilo que se pretende transferir para o poema. Como ela, o poema

deve ser uma forma exemplar, essencial, justa, clara, rigorosa, fruto de uma busca "obstinada" da proporção, do ritmo, da concisão:

"Ponho-a sobre o muro em frente do mar. Ela é ali a nova imagem da minha aliança com as coisas."

"Porém" introduz o elemento desordenador. A aliança foi quebrada, o tempo derrotou a verdade, "o reino foi dividido", transformando-se num "habitat". Inicia-se, então, a busca da inteireza, a tentativa de restabelecimento da aliança. A missão do poeta é decifrar, nos vários elementos do real, o divino, ir de coisa em coisa ("o quadro o muro a brisa / A flor o copo o brilho da madeira / E a fria e virgem limpidez da água"; "praias de mar verde, [...], azul suspenso da noite, [...] pureza da cal, [...] pequena pedra pálida, [...] perfume do orégão"), captar a essência para unificar o reino dividido e extrair "uma túnica sem costura".

O percurso poético compõe-se, então, de duas fases/etapas: "encontro" (descoberta) e "conquista" ("reunir" - superar a divisão -, e "edificar" - criação poética). Decifrar "o instante real de aparição e surpresa", "o gesto claro da mão tocando a mesa" e transferir o real para o mundo do poema limpo e rigoroso, "preserv[á-lo] de decadência morte e ruína", "guardá-lo] num mundo claro".<sup>(19)</sup>

5. "E no quadro sensível do poema vejo para onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino, a minha vida".<sup>(20)</sup>

O texto "Arte Poética II" sistematiza de uma forma mais explicitamente teórica o que ficou dito no anterior sobre o projecto/percurso poético de Sophia. Permitir-nos-emos, portanto, utilizá-lo como conclusão do nosso próprio percurso.

Sophia define a poesia como "a arte do ser" e estabelece uma oposição entre "criação poética" - que implica a relação do sujeito com o universo - e "arte-

sanato - onde a relação é "apenas com uma matéria", isto é, a linguagem. O texto constrói-se com base nesta diferença. A poesia é busca do essencial, da inteireza. A ligação do sujeito com o real é feita através do olhar e o papel da linguagem é traduzir essa visão, estabelecendo a aliança, por isso ela é objectiva, límpida, exacta e transparente como a "verdade" das coisas - a essência divina:

"Não trago Deus em mim mas no mundo o procuro  
Sabendo que o real o mostrará

Não tenho explicações  
Olho e confronto  
E por método é nú meu pensamento".<sup>(21)</sup>

É do rigor da transferência do real para o poema, que nasce a beleza poética, e não do rigor ditado pelo "artesanato" - a beleza estética é o fruto da "especialização", do "trabalho", da "ciência", da "estética", da "teoria", do "tempo", mas falta-lhe a "atenção ao real" para ser poética:

Ausentes são os deuses mas presidem,  
Nós habitamos nessa  
Transparência ambígua.

Seu pensamento emerge quando tudo  
De súbito se torna  
Solenemente exacto.

O seu olhar ensina o nosso olhar:  
Nossa atenção ao mundo  
É o culto que pedem".<sup>(22)</sup>

Projecto ambicioso, este da extracção da "túnica sem costura" de um mundo dividido, onde as alianças que se vão estabelecendo são frequentemente assediadas pelo "kaos". A persistência "malgré tout" torna-o, porém, deveras aliante. Pelo menos, para nós.

NOTAS:

(1) **Sophia Andresen**, "Arte Poética I", *Geografia*, Ática, 1972 (2ª ed.), pág. 102

(2) **António Ramos Rosa**, "A presença e a ausência em Sophia de Mello Breyner Andresen", *Incisões Oblíquas*, Lisboa, Caminho, 1987, pp 15-20

(3) **Eduardo Prado Coelho**, "Sophia, a lírica e a lógica", *Colóquio/Letras*, nº 57, Set. 1980, pp. 20-35

(4) **Eduardo Lourenço**, "Para um retrato de Sophia", prefácio a *Antologia*, Moraes, 1978.

(5) **Henry Meschonnic**, *Pour la Poétique*, IV, Paris, Gallimard, 1978, p. 137

(6) Aristóteles empreendeu, fundamentalmente, uma reflexão sobre o problema da essência da Poesia e sobre o estabelecimento e caracterização dos géneros existentes no seu tempo. O objectivo de Horácio não era esta reflexão, mas simplesmente orientar jovens "candidatos" a poetas. Daí que o seu texto assume um carácter normativo e dogmático. Na sua perspectiva, quem se inicia nestas coisas da Poesia deve, antes de mais, conhecer profundamente o sistema de regras e a tradição literária. A "má leitura" do Classicismo foi ter invertido os termos e estabelecido a norma e o modelo dos Antigos como princípio único de criação artística.

(7) **Henry Meschonnic**, *Pour la Poétique*, I, Paris, Gallimard, 1975, p.138

(8) ver nota (5).

(9) **Sophia Andresen**, *Livro Sexto*, 1962

(10)-----, "Projecto", *O Nome das Coisas*, 1977

(11)-----, "Com fúria e raiva", *O Nome das Coisas*.

(12)-----, "Igrina", *Geografia*, 1967

(13) Confrontar com o poema "Caminho da manhã", *Livro Sexto*.

(14) **Sophia Andresen**, "Lagos", *O Nome das Coisas*, 1977, pag. 40-41 da ed. de 1986, pela Salamandra

(15) ----, "Lagos", *O Nome das Coisas*, pág. 24.

Sendo o projecto poético de Sophia coincidente com o seu projecto de vida (ser/estar poeticamente no mundo), torna-se possível fazer uma leitura "revolucionária" deste poema. Como diz Sophia num texto intitulado "Poesia e Revolução" (incluído em *O Nome das Coisas*): "Porque propõe ao homem a verdade e a inteireza do seu estar na terra toda a poesia é revolucionária", página 77.

(16) ver nota (11)

(17) **Sophia Andresen**, *O Nu na Antiguidade Clássica*, Lx., Portugalia, s/d (1975), p. 13-14

(18) O paralelo entre Lagos e Creta pode estabelecer-se, também, pela luminosidade: "dura luz de Creta"/"aguda luz de Creta"/"luz limpa de Creta"/"luz branca de Creta"/, "Ressurgiremos", *Livro Sexto*.

(19) ver nota (9)

(20) **Sophia Andresen**, "Arte Poética II", *Geografia*.

(21) ----, "Poema", *Geografia*.

(22) ----, "III", *Dual*, 1972.